

S. FRANCISCO DE ASSIS ESTAVA TOTALMENTE EMPENHADO NA CONVERSÃO DAS ALMAS

O Papa Francisco diz-nos que escolheu este para ser o seu novo nome, devido ao desejo que sentia em emular três virtudes de S. Francisco de Assis: o amor da pobreza, o amor da paz, e o amor das criaturas de Deus.

Esta escolha do nosso Santo Padre em usar o nome de S. Francisco gerou um novo e repentino interesse pela figura deste grande Santo e reformador do Século XIII. Mas, por muito bem conhecido que seja S. Francisco, há também, generalizados, muitos conceitos incorrectos sobre o modo como a sua simplicidade e amor pela paz encontraram expressão na sua Fé.

S. Francisco é um modelo de caridade e de paz, mas ele não tinha tolerância alguma por aquilo que comprometesse o seu testemunho em prol da única e verdadeira Fé. O artigo que se segue dará ao Leitor uma visão importante sobre quem foi, na realidade, S. Francisco.

por John Vennari

S. Francisco de Assis era firmemente dedicado à verdade de que “fora da Igreja Católica não há salvação.” Não era um proponente do diálogo modernista; era, sim, um apóstolo de Cristo que pregou o Evangelho.

1. pela salvação daquelas almas que já eram católicas, mas tinham caído, distanciando-se do ideal do Evangelho, e
2. pela salvação dos infiéis e não-crentes, que ele sabia que viriam a perder-se, se não abraçassem a Cristo e à Sua única e verdadeira Igreja Católica.

Cavaleiro da Igreja Militante

O Padre Cuthbert, OSFC, seu biógrafo, escreveu que S. Francisco era “inclinado a ser impaciente com os importunos e os hereges até às últimas consequências.”¹

Com efeito, S. Francisco usava de palavras fortes para com aqueles que não aceitavam a Verdade Católica. Ele não falava em termos vagos sobre as “sementes de verdade que se encontram em todas as religiões.” Nem anunciou a sua famosa viagem para pregar aos Muçulmanos e ao Sultão como “um convite ao diálogo entre as grandes religiões monoteístas ao serviço da família humana.”

Não! Ele pregou a necessidade de conversão dos não-Católicos à única e verdadeira Igreja de Cristo para alcançarem a salvação. Nada menos que isto seria suficiente.

Numa das mais antigas *Admonitiones* (“Exortações”) de S. Francisco aos Irmãos da sua Ordem, dizia ele o seguinte sobre aqueles que não aceitam a Verdade Católica:

“Todos aqueles que viram Jesus na Sua carne mas não O viram segundo o Espírito e na Sua Divindade, e que não acreditaram que Ele era realmente o Filho de Deus, são condenados. Também são condenados aqueles que vêem o Santíssimo Sacramento do Corpo de Cristo, que é consagrado sobre o altar com as próprias palavras do Senhor e pelas mãos do sacerdote sob as espécies do pão e do vinho, mas não vêem nelas o Espírito e a Divindade, nem acreditaram que é, na realidade, o Santíssimo Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.”²

Portanto, aqueles que tentam retratar S. Francisco de Assis como um apóstolo da nova vaga do diálogo e do ecumenismo do Concílio Vaticano II, não estão a dizer a verdade. Aqueles que praticam o ecumenismo pós-conciliar e afirmam imitar S. Francisco, ou são ignorantes quanto à vida de S. Francisco ou, simplesmente, não estão a ser honestos.

Isto é especialmente verdade atendendo a que o ecumenismo de hoje não busca a conversão dos não-Católicos à única e verdadeira religião, mas apenas busca trabalhar em conjunto com todas as religiões, numa “diversidade reconciliada” para a melhoria da família humana.”³

Não há contraste mais flagrante a este novo ecumenismo efeminado do que o encontro de S. Francisco com o Sultão, e o zelo missionário dos seus Frades no meio dos Muçulmanos.

S. Francisco vs. o Islão

Por volta de 1219, depois de um Capítulo Geral da Ordem, S. Francisco decidiu enviar uma missão aos Maometanos do Egipto, onde também se estava a combater uma Cruzada.

Durante esse tempo, Francisco ficou com o exército cristão, tendo depois atravessado para as linhas muçulmanas. Uma vez fora das linhas cristãs, os soldados muçulmanos apoderaram-se dele. S. Francisco disse aos soldados que ele só queria pregar a Lei de Cristo ao Sultão, que lhe permitira a entrada no acampamento.

Quando foi levado ao Sultão, S. Francisco disse-lhe: “Sou um enviado do Deus Altíssimo, para te mostrar, a ti e ao teu povo, o caminho da salvação, por meio do anúncio das Verdades do Evangelho.”⁴

Enquanto S. Francisco pregava, o Sultão sentiu muita simpatia para com ele e para com o poder das suas palavras. Tanto assim foi que convidou S. Francisco a ficar com ele.

“Da melhor vontade, ” – respondeu S. Francisco – “se tu e o teu povo se converterem a Cristo”.⁵

S. Francisco propôs-lhe então o seu famoso desafio. E disse-lhe: “Se tu ainda hesitas entre Cristo e Maomé, manda atear um fogo, que eu irei lá para dentro com os teus sacerdotes, para tu poderes ver qual é a verdadeira Fé.”⁶

O Sultão não queria autorizar este julgamento pelo fogo e, assim, S. Francisco pediu autorização para se ir embora. Então, o Sultão deu ordens para que S. Francisco fosse levado de volta ao seu acampamento com toda a cortesia.

Repare-se neste ponto importante: quando os Muçulmanos recusaram converter-se, S. Francisco *terminou o diálogo!* Não havia mais nada a discutir.

E, enquanto tudo isto acontecia no Egipto, havia cinco Frades Franciscanos exaltados e tanto clamor levantaram no Marrocos muçulmano, que a todos os cinco foi dada a morte. Eram os Irmãos Berardo, Otão, Pedro, Acúrsio e Aduto.

Eles tinham ido primeiro para a Sevilha muçulmana, em Espanha. Por terem tentado pregar ali o Evangelho, foram flagelados, aprisionados e, por fim, expulsos daquele Reino.

Foram, então, para o Marrocos muçulmano, numa tentativa de converter os infiéis. Quando chegaram, estes Frades fizeram mais do que apenas pregar nas ruas. Dirigiram-se a uma mesquita e, de dentro da mesquita, denunciaram Maomé.⁷

Os Frades foram capturados, aprisionados e flagelados, mas isso não lhes fez diminuir o seu zelo missionário. Enquanto estavam na prisão, tentaram repetidas vezes converter os guardas.

Os governantes de Marrocos, por seu turno, tentaram encontrar uma saída diplomática para este caso; assim, conseguiram que estes impetuosos Frades fossem mandados para fora do país.

Testemunhas fiéis

Como responderam os cinco Franciscanos? Conta o Padre Cuthbert: “Mas os cinco Frades não sabiam nada de diplomacia e não tinham temperamento para viver e deixar viver. Maomé era, aos seus olhos, o inimigo de Cristo, e as almas deste povo eram despojos legítimos para o seu Divino Redentor. Recuar na sua missão seria um desvio traiçoeiro da dedicação que tinham dado ao seu Salvador.”⁸

À primeira oportunidade, os Franciscanos escaparam aos guardas. Voltaram imediatamente para a cidade, e puseram-se de novo diante da mesquita, apelando aos infiéis para renunciarem a Maomé e aceitarem a Cristo.

E foram capturados, levados para a prisão e torturados. Enquanto estavam em grande sofrimento, os guardas prometeram aos Frades que a vida lhes seria poupada e ainda lhes seriam dados presentes, se negassem a Cristo e aceitassem Maomé.

Os Frades responderam recitando louvores a Nosso Senhor, incitando quem os torturava a que renunciasses a Maomé e aceitassem a Jesus Cristo.

A resposta dos Maometanos foi decapitarem cada um dos Frades, lançando os seus corpos fora das muralhas da cidade, para que os cães os comessem. Aconteceu que um alto dignitário português organizou uma operação secreta para lhes resgatar os corpos. Foram levados para Portugal e, com grande reverência, foram sepultados em Coimbra, na Igreja de Santa Cruz, que era dos Cónegos Regulares (Agostinhos).

De entre todas as pessoas que ali acorreram para honrar e pedir a intercessão dos Franciscanos martirizados – que ficaram conhecidos até hoje como “os Santos Mártires de Marrocos” – estava um jovem Cónego Agostinho que se sentia arrebatado pelo zelo e o Amor de Cristo que ardia no coração dos ‘Santos Mártires’. Procurou os Franciscanos locais e suplicou-lhes que o admittissem na Ordem.

Esse jovem Agostinho que se tornou Franciscano é agora conhecido como Santo António de Lisboa ou Santo António de Pádua, obreiro de milagres, a quem os Católicos honram com o título de “Flagelo dos Hereges.”

Quanto a S. Francisco: Que pensava ele destes cinco Frades que foram direitos a uma mesquita e denunciaram Maomé mesmo de dentro de um lugar santo para os Muçulmanos? E que incitavam os Muçulmanos a que, para a sua própria salvação, não seguissem o falso profeta Maomé?

Acaso S. Francisco organizou uma grande desculpa, a propósito da insensibilidade dos seus Frades, por não compreenderem que “tanto nós como os Muçulmanos adoramos o mesmo Deus”?

Não! S. Francisco exclamou ao Céu, num transporte de gratidão: “Agora posso dizer com verdade que tenho cinco irmãos!”⁹

É este o verdadeiro espírito de São Francisco de Assis.

NOTAS:

- (1) Cuthbert, *Life of St. Francis of Assisi* (New York: Longmans, Green and Co., 1916), p. 12.
- (2) *Admonitio prima de Corpore Cristi* (edição Quaracchi, p. 4), citado em Johannes Jorgensen, *St. Francis of Assisi* (New York: Longmans, Green and Co., 1912), p. 55.
- (3) A nova posição é claramente explicada pelo Cardeal Walter Kasper, um dos ecumenistas mais radicais de hoje. Em 2001, Kasper disse: “...nos dias de hoje, já não compreendemos o ecumenismo no sentido de um regresso, pelo qual os outros ‘seriam convertidos’ e voltariam

a ser 'Católicos'. Isto foi expressamente abandonado no Concílio Vaticano II." Em 2003, o Cardeal Kasper continuava, proclamando: "Vários aspectos do ser Igreja estão mais bem realizados noutras Igrejas. Por consequência, o ecumenismo não é uma via de sentido único, mas sim um processo recíproco de aprendizagem ou, como está estatuído em *Ut Unum Sint*, uma troca de dons. O caminho para a unidade não é, portanto, o regresso dos outros ao seio da Igreja Católica." Ora, isto contraria abertamente a Doutrina Católica, infalivelmente definida por três vezes, segundo a qual fora da Igreja Católica não há salvação.

(4) *Lives of Saints*, "St. Francis of Assisi" (John J. Crawley & Co., 1954).

(5) Cuthbert, *Life*, p. 280.

(6) *Lives of Saints*, John J. Crawley & Co.

(7) Cuthbert, *Life*, p. 283.

(8) *Ibid.*, p. 284.

(9) *Ibid.*, p. 285.